



unifaema

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAEMA – UNIFAEMA

BRUNA PEREIRA BATISTA

**O RESSURGIMENTO DAS PESQUISAS COM PSICODÉLICOS E O POTENCIAL
TERAPÊUTICO NA PSICOTERAPIA**

**ARIQUEMES - RO
2024**

BRUNA PEREIRA BATISTA

**RESSURGIMENTO DAS PESQUISAS COM PSICODÉLICOS E O POTENCIAL
TERAPÊUTICO NA PSICOTERAPIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Psicologia do Centro Universitário
FAEMA – UNIFAEMA como pré-requisito para
obtenção do título de bacharel em Psicologia

Orientador (a): Prof. Esp. Kátiuscia Carvalho
de Santana.

**ARIQUEMES - RO
2024**

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B333r Batista, Bruna Pereira.

O ressurgimento das pesquisas com psicodélicos e o potencial terapêutico na psicoterapia. / Bruna Pereira Batista. Ariquemes, RO: Centro Universitário Faema – UNIFAEMA, 2024.

36 f. ; il.

Orientadora: Profa. Esp. Katiúscia Carvalho de Santana.

Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Psicologia – Centro Universitário Faema – UNIFAEMA, Ariquemes/RO, 2024.

1. Pesquisa com Psicodélicos. 2. Psicologia. 3. Psicoterapia. 4. LSD.
I. Título. II. Santana, Katiúscia Carvalho de.

CDD 150

Bibliotecária Responsável
Isabelle da Silva Souza
CRB 1148/11

BRUNA PEREIRA BATISTA

O RESSURGIMENTO DAS PESQUISAS COM PSICODÉLICOS E O POTENCIAL TERAPÊUTICO NA PSICOTERAPIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Psicologia

Orientador (a): Prof. Esp. Katiúscia Carvalho de Santana.

BANCA EXAMINADORA

Assinado digitalmente por: KATIUSCIA CARVALHO DE SANTANA
Razão: Sou responsável pelo documento
Localização: FAEMA - Ariquemes/RO
O tempo: 02-12-2024 14:26:19

**Prof. Esp. Katiúscia Carvalho de Santana
UNIFAEMA**



Documento assinado digitalmente

LUCIANE DE ANDRADE MELO
Data: 02/12/2024 17:26:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dra. Luciane de Andrade Melo
UNIFAEMA**

Assinado digitalmente por: JESSICA DE SOUSA VALE
Razão: Sou responsável pelo documento
Localização: UNIFAEMA - Ariquemes/RO
O tempo: 02-12-2024 15:19:30

**Prof. Ma. Jessica de Sousa Vale
UNIFAEMA**

**ARIQUEMES – RO
2024**

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, direta ou indiretamente. Agradeço a minha mãe por me apoiar e incentivar do jeitinho dela, pois ela sempre acreditou em mim e me incentivou a seguir em frente, agradeço aos meus amigos que estiveram ao meu lado oferecendo apoio e incentivo nos momentos desafiadores, tornando assim a jornada mais leve, agradeço a minha querida orientadora Katiuscia, pela orientação, paciência, apoio, e por ter acreditado em mim quando eu queria desistir e por ter abraçado e demonstrado interesse quando apresentei a ideia sobre esse trabalho, seus conselhos e ensinamentos foram fundamentais para o desenvolvimento disso tudo. E por fim e não menos importante agradeço a mim por ter escolhido esse curso que tanto amo, e pela minha perseverança que me trouxe até aqui. A todos meu sincero obrigado!

*“Qualquer árvore que queira tocar os céus
precisa ter raízes tão profundas a ponto de
tocar os infernos”.*

Carl Gustav Jung

RESUMO

O ressurgimento da pesquisa com psicodélicos nas últimas duas décadas reflete um crescente interesse científico, impulsionado por novas evidências de seus potenciais terapêuticos. Substâncias como psilocibina, LSD e MDMA têm sido estudadas em relação a distúrbios como depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, dependência química e transtornos de personalidade. Esse trabalho tem como objetivo discutir e informar sobre a retoma das pesquisas com os psicodélicos, evidenciando com estudos científicos os seus potenciais terapêuticos na psicoterapia para o tratamento de alguns transtornos. Refere-se a um trabalho descritivo, utilizando-se um apanhado de materiais e artigos científicos, por meio de plataformas de pesquisa como Google Scholar, Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SCIELO), e Revistas. Por meio destes foi possível evidenciar que a terapia pode ser altamente eficaz, mas falta de padronização e pesquisas longas ainda levantam questões sobre segurança e as implicações éticas e legais do uso de psicodélicos no contexto terapêutico são complexas, enquanto muitos defendem a regulamentação para acesso seguro e controlado, outros expressam preocupações sobre abuso e falta de supervisão adequada. Portanto conclui-se que os desafios incluem a necessidade de uma estrutura legal que respeite tanto a segurança pública quanto a potencialidade terapêutica dessas substâncias, já que as oportunidades para uma regulamentação são promissoras, mas requerem um diálogo contínuo entre cientistas, técnicos e formuladores de políticas.

Palavras-chave: Pesquisa com Psicodélicos; Psicologia; Psicoterapia; LSD.

ABSTRACT

The resurgence of psychedelic research over the past two decades reflects growing scientific interest, driven by new evidence of their therapeutic potential. Substances such as psilocybin, LSD and MDMA have been studied in relation to disorders such as depression, anxiety, post-traumatic stress disorder, chemical dependency and personality disorders. This work aims to discuss and inform about the resumption of research into psychedelics, demonstrating through scientific studies their therapeutic potential in psychotherapy for the treatment of some disorders. It refers to descriptive work, using a collection of scientific materials and articles, through research platforms such as Google Scholar, Google Scholar, Scientific Electronic Library Online (SCIELO), and Magazines. Through these, it was possible to demonstrate that therapy can be highly effective, but the lack of standardization and lengthy research still raise questions about safety and the ethical and legal implications of using psychedelics in the therapeutic context are complex, while many advocate regulation for safe access. and controlled, others express concerns about abuse and lack of adequate supervision. Therefore, it is concluded that the challenges include the need for a legal framework that respects both public safety and the therapeutic potential of these substances, as the opportunities for regulation are promising, but require continuous dialogue between scientists, technicians and policy makers.

Keywords: Research with Psychedelics; Psychology; Psychotherapy; LSD.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	11
2.1 GERAL	11
2.2 ESPECÍFICOS	11
3 REVISÃO DE LITERATURA	12
3.1 O RENASCIMENTO DOS PSICODÉLICOS: CONTEXTUALIZANDO AS PESQUISAS ATUAIS E AS SUBSTÂNCIAS MAIS ESTUDADAS	
3.1.1 Apresentando alguns psicodélicos	
3.1.2 A atuação dos psicodélicos no processo terapêutico (histórico)	
3.2 O POTENCIAL TERAPÊUTICO DOS PSICODÉLICOS	
3.3 PSICODÉLICOS NA CLÍNICA: INDICAÇÕES, LIMITAÇÕES E O PAPEL DA TERAPIA ASSISTIDA E DA MICRODOSAGEM	
3.4 OS DESAFIOS ÉTICOS E LEGAIS DOS PSICODÉLICOS NA TERAPIA	
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Durante os últimos anos é possível acompanhar um avanço significativo nas pesquisas científicas e na área clínica sobre o potencial terapêutico dos psicodélicos, substâncias essas que são popularmente conhecidas como alucinógenas pois causam um estado alterado na consciência, na percepção e também na cognição. Dentre essas substâncias alguns vem ganhando um certo destaque, entre eles o LSD (ácido lisérgico), a psilocibina (presente nos cogumelos), MDMA e a ayahuasca (uma infusão de raízes e folhas).

Os psicodélicos vêm alcançando cada vez mais reconhecimento por sua capacidade de criar esse estado alterado de consciência que pode contribuir na exploração e na descoberta de alternativas para a dissolução de problemas e questões emocionais de traumas passados. Com essa nova perspectiva é possível a exploração de um setting terapêutico influenciando até psiquiatria com novos métodos.

Mas se engana quem acha que essas substâncias foram descobertas recentemente, pois a maioria delas, historicamente falando, foram e são usadas até hoje em rituais religiosos e espirituais por tribos e culturas espalhadas pelo mundo todo. Porém só por volta do século XX que essas substâncias começaram ser verdadeiramente estudadas e adentraram no campo psicoterapêutico, analisando assim a possibilidade de tratamentos para várias patologias como a depressão, ansiedade, estresse pós traumático e transtorno obsessivo compulsivo.

Com a popularização dos psicodélicos, emergiu um movimento contracultura que provocou reações políticas bastante restritivas e proibicionistas, resultando na estagnação das pesquisas e dos avanços científicos na área. Infelizmente, mesmo com a retomada das investigações nos últimos anos ainda persistem diversas barreiras regulatórias e legais que dificultam o uso terapêutico dessas substâncias e limitam a liberdade de pesquisa. Isso impacta diretamente o acesso a tratamentos para aqueles que não encontram alívio no que é oferecido pela medicina convencional.

Embora o objetivo seja proteger a saúde pública dos impactos do uso social, a proibição dos psicodélicos não reduz o uso nocivo em contextos menos seguros e descontrolados. Pelo contrário, especialmente quando se consideram os danos

sociais, o controle das drogas acaba gerando mais prejuízos do que as próprias substâncias. Isso ocorre porque o mercado ilegal está associado a práticas como trabalho escravo, tráfico humano, exploração sexual e assassinatos motivados pelo lucro. Sem uma regulação adequada, às drogas ilícitas em circulação tendem a ter sua qualidade comprometida, aumentando a vulnerabilidade de pessoas já fragilizadas pelo uso e por outras condições.

Fora a possibilidade dessas situações originarem uma baixa qualidade, ainda existe a possibilidade de aumento do risco de se adquirir essas substâncias de forma alterada, ou seja, impuras e até mesmo rotuladas falsificadamente. Isso pode levar a consequências negativas à saúde e informação, trazendo riscos que podem ser evitados, já que é de compreensão que os riscos do uso dos psicodélicos são bem baixos em contextos apropriados e controlados.

A liberdade para investigar cientificamente esse potencial continua restrita, criando um cenário insustentável que destaca a necessidade de discutir maneiras de abordar o uso dessas substâncias, buscando alternativas ao proibicionismo. É crucial realizar uma reflexão ética que transcenda as questões de segurança e eficácia, evitando a reprodução de uma dialética injusta que barre o acesso a esses potenciais benefícios, o que possivelmente geraria mais problemas do que soluções.

Apesar dos desafios, essas pesquisas têm se dedicado a desenvolver e validar modelos de tratamento que utilizam essas substâncias, reconhecendo seu potencial inovador e os resultados promissores no campo da saúde mental.

O objetivo principal deste trabalho é trazer pesquisas e evidências científicas, de que mesmo após muitos anos de estagnação a exploração dos potenciais psicoterapêuticos dos psicodélicos podem trazer grandes contribuições e resultados significativos para os pacientes tanto na área da medicina, farmacologia e psicologia, assim informando e desmistificando o uso dessas substâncias.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Discutir os efeitos terapêuticos dos psicodélicos no tratamento de distúrbios psicológicos.

2.2 Específicos

- Explicar o ressurgimento da pesquisa com psicodélicos, abordando o contexto atual das pesquisas e as substâncias mais estudadas.
- Analisar os efeitos terapêuticos dos psicodélicos em diferentes distúrbios psicológicos, como depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, dependência química e transtornos de personalidade.
- Descrever como a terapia assistida por psicodélicos e a microdosagem pode ser utilizada em setting terapêutico para a eficácia das terapias psicodélicas, pontuando suas indicações e limitações.
- Discutir as implicações éticas e legais do uso de psicodélicos em contextos terapêuticos, considerando os desafios e as oportunidades para a regulamentação dessas substâncias.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 O Renascimento dos Psicodélicos: Contextualizando as Pesquisas Atuais e as Substâncias Mais Estudadas

O termo “psicodélico” é usado em menção a um tipo de estilo artístico, a uma cena cultural ou a certas substâncias como o LSD (Lyserg Saure Diathylamid), o DMT (dimetil-triptamina), os cogumelos e afins. Esse termo surgiu no ano de 1957 e foi criado pelo psiquiatra britânico Humphry Osmond, a palavra trata-se de uma junção de *psique* que significa (alma, mente psiquismo, self) e *delos* (visão, revelação, manifestação). A expressão psicodelia sintetiza a ideia de manifestação da mente, ou a revelação do espírito, e o psicodélico é o que torna possível a visão da alma, do self ou do psiquismo (Rodrigues, 2019).

Os psicodélicos, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), também são chamados de drogas alucinógenas, porque fazem parte da classificação das drogas psicoativas, formada por compostos químicos que afetam o sistema nervoso central, alterando assim as percepções, humores pensamentos e ações das pessoas (OMS, 2020). Elas podem ser categorizadas em estimulantes, depressoras e alucinógenas. Com os estímulos sensoriais típicos, os psicodélicos não apenas aprimoram as experiências típicas, mas também produzem outros estímulos inteiramente novos, até místicos (OMS, 2020).

A noção dos psicodélicos ao que se diz respeito da clínica, envolve a experiência de transformação por redução do controle egóico e expansão da consciência. Essa experiência envolve a passagem por estados alterados da consciência que podem ser alcançados por fármacos psicodélicos naturais como salvia divinorum, cogumelos mágicos, ayahuasca, cactos com mescalina, ou por drogas semissintéticas como o LSD, ou sintéticas, por exemplo, o MDMA, a quetamina e os chamados research chemicals, ou químicos de pesquisa (NBOME e DOx) de acordo com (Rodrigues, 2019).

De acordo com Luísa Saad, “entre o fim do século XIX e o início do século XX houve um processo de consolidação da medicina como saber científico legítimo” (Saad, 2011 apud Dias, 2019) que impulsionou um movimento internacional do qual

alguns Estados, em particular o Ocidente, passaram a conferir mais atenção às questões relacionadas à proibição e regulação do comércio de drogas.

Ainda segundo a autora anterior esse contexto foi estabelecido leis com o objetivo de prevenir o que se temia ser a expansão do vício e da violência frequentemente associada ao uso de drogas. Nos Estados Unidos, por exemplo, diversos presidentes passaram a adotar a retórica da "Guerra às Drogas" em suas campanhas e como uma das principais prioridades de seus governos, uma narrativa que se manteve ao longo de quase todo o século XX e XXI.

Essas perspectivas científicas constituem um rico objeto de estudo para entender as transformações nos discursos que, desde o século XIX, ora se dedicam a descobrir, isolar e até sintetizar novas moléculas, ora destacam seus malefícios e defendem sua proibição legal (Goulart; Labate, 2008 apud Dias, 2019). São essas questões que as ciências humanas têm buscado abordar, apesar de o tema das drogas ainda ser recente nessa área. Alguns grupos de pesquisa, como o LEHDA (Laboratório de Estudos Históricos das Drogas e da Alimentação) e o NEIP (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos), ambos da Universidade de São Paulo, além do GIESP (Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Substâncias Psicoativas) na Universidade Federal da Bahia, são exemplos de centros voltados para o estudo das drogas.

3.1.1 Apresentando alguns psicodélicos

O LSD, ou ácido lisérgico, é o quinto composto de uma série desenvolvida pelo químico suíço Albert Hofmann no laboratório de pesquisa farmacêutica Sandoz. Embora tenha sido sintetizado pela primeira vez em 1938, foram necessários mais cinco anos para que Hofmann descobrisse os efeitos psicotrópicos do LSD. Em 1943, impulsionado por um “pressentimento peculiar”, ele decidiu ressintetizar o composto para realizar novos testes farmacológicos (Soares, 2021).

De acordo com Soares (2021), a investigação de Hofmann incluía a síntese de diversos derivados, com destaque para o LSD-25. Seu objetivo era desenvolver um estimulante respiratório e circulatório, inspirado na estrutura química da coramina, um analéptico amplamente reconhecido na época. Em 16 de abril de 1943, Hofmann teve uma descoberta acidental dos efeitos alucinógenos do LSD-25, após entrar em contato com a substância pela pele durante a fase final de síntese, especificamente no processo de cristalização.

Após o incidente, Hofmann decidiu conduzir um autoexperimento, administrando 10 ml de uma solução aquosa que continha 0,25 mg de tartarato de LSD, com o objetivo de verificar se os efeitos que havia sentido estavam realmente associados à substância (Soares, 2021). No dia seguinte, após confirmar os efeitos, ele percebeu que se sentia bem, sem sinais de ressaca, e tinha a consciência de que “um novo composto ativo com tais propriedades poderiam ser aplicado em farmacologia, neurologia e, especialmente, em psiquiatria, despertando o interesse de especialistas nessas áreas.”

A psilocibina é o principal alcalóide encontrado nos chamados cogumelos mágicos, conhecidos como Teonanacatl (carne dos deuses) entre os mexicanos e astecas, que o utilizavam em cerimônias sagradas. Entre os cogumelos que contêm psilocibina estão o *Psilocybe*, *Conocybe*, *Panaeolus* e *Stropharia*, que incluem diversas espécies. Um exemplo é o *Stropharia cubensis* (atualmente denominado *Psilocybe cubensis*), que foi identificado pela primeira vez em Cuba, em 1904 e é um dos mais comuns em regiões tropicais, incluindo os pastos do Brasil (Carneiro, 2005, p.119).

Essa substância possui uma estrutura molecular altamente semelhante à serotonina, assim como as outras substâncias como o LSD e a mescalina, tem um grau elevado de afinidade com o receptor 5-HT_{2A}, apesar de que a psilocibina e outros psicodélicos também atuam sobre os neurotransmissores, a sua ação como agonista do receptor é considerada a mais significativa em relação aos seus efeitos subjetivos.

De acordo com algumas pesquisas usando técnicas de neuroimagem, revelam uma redução do fluxo sanguíneo em numerosas áreas subcorticais e corticais do cérebro em voluntários após a administração de psilocibina. O Córtex Cingulado Posterior (PCC), o Córtex Cingulado Anterior (ACC) e o Tálamo experimentaram uma redução acentuada na atividade. Simultaneamente, o acoplamento positivo entre córtex pré-frontal medial (PFC) e o PCC foi significativamente reduzido durante os efeitos.

Essa redução da atividade no PCC foi decifrada com base no papel que desempenha na “Rede de Modo Padrão”, que se mostrou ativa quando os sujeitos se envolvem em autorreflexão ou introspecção em estado de repouso em condições normais. Tem sido proposto que esse modo padrão desempenha um papel importante na construção do “self” ou “eu”, fazendo parte disso o PCC integra sinais de diversas áreas.

Uma das principais funções seria dar coerência ou ordem às experiências, de modo que uma redução em sua atividade seja consistente com os relatos subjetivos fornecidos pelos sujeitos sob os efeitos da psilocibina. Além dessa redução, foi possível notar que a administração de psilocibina resultaria em maior ativação no córtex auditivo bilateral, no córtex somatossensorial, no córtex parietal superior, no córtex visual associativo esquerdo e no pólo occipital.

Conseqüentemente foi observada uma correlação entre o nível de vivacidade da memória e a ativação das áreas cerebrais mencionadas, devido a isso, os resultados parecem indicar um potencial terapêutico, na medida em que sua administração facilitaria o acesso a experiências passadas, associadas a traumas e experiências negativas, cognitivo em sujeitos com transtornos depressivos.

A psilocibina tem sido pesquisada para tratamentos diversos, como ansiedade em pacientes terminais, transtorno obsessivo compulsivo, cefaléia em salvas, dependências, depressão resistente, além do debate que levanta sobre experiências místicas e seu manejo na clínica (Carneiro, 2005).

Soares (2021, p. 227) explica que o termo Ayahuasca provém da língua quèchua, falada por comunidades indígenas da região andina e amazônica, e significa “vinho da alma”. Essa bebida enteógena, também chamada por diversos outros nomes nativos como caapi, mapa, mihi, kahí e yagé, tem sido utilizada em rituais de cura espiritual pelos nativos da Amazônia desde o século XV.

Soares (2021) descreve que para a preparação do chá de ayahuasca, as folhas da arbusto conhecida como chacrona (*Psychotria viridis*) que possui em sua composição o agonista de receptores dimetiltryptamina (DMT), são utilizadas para decocção juntamente com as cascas de um cipó da região amazônica denominado jagube ou mariri (*Banisteriopsis caapi*).

A crescente adoção da ayahuasca em contextos religiosos tem atraído a atenção de pesquisadores, que buscam investigar seu potencial terapêutico. No Brasil, o uso do chá para esses fins é legal e apresenta uma regulamentação ainda incipiente. Os efeitos resultantes da ingestão da ayahuasca incluem náuseas, propriedades laxativas, além de sensações corporais, visões evocativas e recordações de memórias emocionais, o que contribui para seu reconhecimento como um tratamento eficaz para a dependência química (Soares, 2021).

A partir desse efeito da ayahuasca, diversos estudos surgiram com o intuito de utilizar essa mistura de plantas e seu princípio ativo como um medicamento para tratamento de transtornos psicológicos como depressão e ansiedade. Com a comprovação da eficácia deste composto, ele passaria a ser um meio mais eficiente quando em comparação aos fármacos utilizados atualmente, o que seria uma alternativa inovadora em decorrência dos crescentes números de casos diagnosticados das patologias em questão (OMS, 2022).

3.1.2 A atuação dos psicodélicos no processo terapêutico (histórico)

Durante as décadas de 1950 e 1960 as pesquisas sobre o LSD realizadas por cientistas e psicoterapeutas nos Estados Unidos e na Europa começaram a ressaltar os potenciais terapêuticos dos psicodélicos. Esses compostos são classificados como uma forma farmacológica de psicotrópicos, caracterizando-se por sua capacidade de interagir de maneira seletiva com receptores no sistema nervoso central (Johnson; Richards; Griffiths, 2008).

Segundo Rodrigues (2019), o termo psicotrópico refere-se a uma relação de tropismo entre determinadas substâncias, como plantas, secreções, fungos e moléculas sintéticas, e o psiquismo, semelhante ao fototropismo das plantas, que se orienta em direção à luz. Esse tropismo envolve uma relação de afinidade, seja ela positiva ou negativa, que se manifesta nas interações humanas como atração ou repulsa.

Além de discutir os psicodélicos como substâncias farmacológicas, é utilizado um paradigma psicodélico para entender as interações humanas com substâncias psicotrópicas e a natureza da própria consciência.

Soares (2021) menciona que o primeiro estudo científico a ser publicado sobre os efeitos do LSD ocorreu em 1947, sob a supervisão do professor Arthur Stoll, que era responsável por Hofmann na época. O estudo contou com dois grupos de participantes: um formado por indivíduos esquizofrênicos e outro por não esquizofrênicos. Segundo o relatório clínico divulgado, o LSD induziu nos sujeitos não esquizofrênicos sensações de euforia, padrões visuais, um sentimento de juventude, experiências de renascimento e uma maior sensibilidade à música.

Doblin (2000, apud por Rodrigues, 2019) afirma que “o efeito profundo e enigmático do alucinógeno despertou o interesse do meio artístico e intelectual, que foram os primeiros a utilizá-lo de forma não medicinais. Aproximadamente na década de 1950, surgiram os 'cogumelos sagrados', contendo como principal componente a psilocibina. Até o final daquela década, essas substâncias já estavam consolidadas no contexto psiquiátrico e psicoterapêutico dos Estados Unidos e, em menor grau, na Europa.” O uso recreativo e não terapêutico dessas drogas só se popularizou na década de 1960 (Brasil, 2021).

“Essas substâncias eram, em sua maioria, utilizadas por hippies e pacifistas que clamavam pelo fim da guerra do Vietnã” (Leary, 1983 apud Santos; Medeiros, 2021). Em pouco tempo, a onda de protestos pacifistas e o uso desenfreado dessas drogas tiveram como consequência, em 1970, na proibição do LSD nos EUA, o que também afetou a pesquisa e a psicoterapia com alucinógenos (Daniel & Haberman, 2017). Durante mais de 20 anos, a estigmatização dessas substâncias impediu avanços em estudos científicos relacionados a alucinógenos (Strassman et al., 1994, 1996 apud Santos; Medeiros, 2021). Contudo, a partir dos anos 90, com algumas permissões especiais, os estudos neurológicos envolvendo essas drogas voltaram a ser explorados, especialmente no que se refere às chamadas terapias psicodélicas (James, 2017 apud Santos; Medeiros, 2021).

3.2 O Potencial Terapêutico dos Psicodélicos

O uso terapêutico de psicodélicos ainda provoca receios e apreensões na maioria das pessoas. De acordo com Daniel e Haberman (2017), existe a preocupação de que essas substâncias possam agravar problemas psiquiátricos preexistentes, aumentar o risco de suicídio ou levar à dependência. No entanto, um estudo populacional realizado por (Krebs e Johansen, 2013 apud Rodrigues, 2019) na Faculdade de Medicina da Universidade de Ciência e Tecnologia da Noruega, que analisou cerca de 130 mil adultos aleatórios nos EUA, incluindo mais de 21 mil usuários de psicodélicos (como LSD, mescalina e psilocibina), não encontrou qualquer associação significativa entre o uso dessas substâncias e planos ou tentativas de suicídio.

No passado, o LSD foi empregado no tratamento de condições como o alcoolismo e também em sessões de psicoterapia para pacientes com depressão e transtornos psicóticos, embora os estudos da época não tenham chegado a conclusões definitivas. A farmacêutica Sandoz chegou a distribuir várias amostras, o que contribuiu para a popularização da substância nos anos 1960 (Lee e Shlain, 1992 apud Lemos, 2021). Estudos recentes indicam seu potencial no tratamento de transtornos de ansiedade e depressão, com evidências provenientes de experimentos com animais e, em microdoses, também em seres humanos (Polito e Stevenson, 2019 apud Hibicke et al., 2020).

Segundo Polito e Stevenson (2019), foi realizado um estudo com o objetivo de investigar se microdoses de substâncias psicodélicas poderiam ter impacto em transtornos psiquiátricos, como depressão e ansiedade. Os participantes foram recrutados em comunidades online dedicadas ao tema da microdosagem, e o estudo teve início com 251 voluntários, que responderam ao questionário inicial.

De acordo com o autor citado no parágrafo anterior, Polito e Stevenson (2019) 98 participantes todos enviaram pelo menos um relato diário, e 63 completaram o questionário ao final do estudo. Durante as seis semanas de pesquisa, as substâncias utilizadas pelos participantes incluíram: LSD, psilocibina, mescalina (orgânica e sintética), 4-HO-MET, DOB, 2-C-C, 2-C-D, 2-C-E e LSA. O número de participantes que usou cada uma dessas substâncias, assim como suas respectivas dosagens, está detalhado no Quadro 1 - Substâncias e Doses.

Quadro 1 - Substâncias e Doses

Fonte: (Polito e Stevenson, 2019)

Substância	Nº Totais de Relatos	Dose Média	Unidade de medida	Dose mínima	Dose máxima
LSD	230	13.5	Microgramas	8.5	50.0
Psilocibina	225	0.3	Gramas	0.1	1.5
Mescalina orgânica	8	2.6	Gramas	0.1	6.0
4-HO-MET	5	4.0	Miligramas		
DOB	4	50.0	Microgramas		
Mescalina Sintética	2	10.0	Miligramas		
2-C-C	1	50.0	Miligramas		
2-C-D	1	5.0	Miligramas		

2-C-E	1	3.0	Miligramas		
LSA	1	1.5	Gramas		

Esse estudo foi conduzido em duas partes. No primeiro, os participantes foram acompanhados por seis semanas, período em que registraram diariamente como se sentiam. O segundo estudo buscou investigar de que maneira as informações sobre microdoses divulgadas na mídia poderiam influenciar as expectativas em relação aos seus efeitos, e se essas expectativas difeririam ou se alinhariam com os resultados observados no primeiro estudo realizado por Polito e Stevenson (2019).

Devido à impossibilidade de incluir um grupo placebo no Estudo 1, o Estudo 2 foi elaborado para investigar se os efeitos observados no primeiro estudo eram de caráter psicológico (Polito e Stevenson, 2019). A amostra do Estudo 2 foi recrutada nas mesmas comunidades online, composta exclusivamente por participantes que não haviam participado do Estudo 1.

Para avaliar cada participante, consideraram-se os seguintes aspectos: saúde mental, incluindo escalas de depressão e ansiedade; atenção; bem-estar; e atenção plena, que é analisada por meio das respostas do paciente aos 15 itens do MAAS (Mindful Attention Awareness Scale). Essa escala mede a consciência do momento presente. Além disso, foram examinadas experiências místicas, traços de personalidade, absorção, criatividade e agência, que se referem à percepção do paciente sobre o controle que teve sobre os eventos vividos, se foram voluntários ou involuntários. Cada um desses aspectos é avaliado por meio de uma escala com um protocolo individual, conforme descrito por Polito e Stevenson (2019).

No estudo realizado pelos mesmos autores, foi observado que, a curto prazo, a microdosagem resultou em um aumento imediato em várias variáveis psicológicas, como criatividade, foco e felicidade. No entanto, esse aumento não se sustentou por um período prolongado. A longo prazo, o primeiro estudo indicou que a microdosagem contribuiu para a melhora da saúde mental, reduzindo sintomas de estresse e depressão, embora tenha impactado a capacidade de atenção.

De acordo com os resultados apresentados pelos autores, o estudo 2 revelou que a maioria dos participantes acredita firmemente nos efeitos benéficos da microdosagem regular, como foi identificado no estudo 1. No entanto, apenas um pequeno número deles acreditava que o neuroticismo - a tendência a vivenciar emoções negativas com facilidade - teria aumentado, embora tenha havido uma leve elevação observada no estudo 1. Esse dado indica que os efeitos identificados no estudo 1 não podem ser atribuídos unicamente ao efeito psicológico do uso do psicodélico.

De maneira geral, os resultados finais do estudo apontaram para evidências de redução da depressão e do estresse, além de uma diminuição da divagação mental e um aumento do neuroticismo (Polito e Stevenson, 2019). Contudo, a pesquisa apresenta algumas limitações significativas, como o uso de outras substâncias por alguns indivíduos, o que pode ter influenciado os resultados. Além disso, os benefícios observados em relação aos sintomas depressivos não se aplicam necessariamente a pacientes psiquiátricos, visto que o diagnóstico de transtorno de humor ou ansiedade foi um critério de exclusão.

De acordo com algumas pesquisas em andamento, a atrofia dos neurônios no córtex pré-frontal (CPF) desempenha um papel crucial da fisiopatologia da depressão (Polito e Stevenson, 2019 apud Autry e Monteggia, 2012). Nesse sentido, acredita-se que a plasticidade estrutural e funcional induzida pela quetamina no CPF seja responsável pela sua ação antidepressiva rápida. Polito e Stevenson (2019 apud Ly e colaboradores, 2018) diz que exploraram o impacto de substâncias psicodélicas, como LSD, DMT E DOI, na neurogênese e espinogênese, tanto em estudos *in vitro* quanto *in vivo*.

Para esse modelo, foi empregada uma técnica *in vitro* que envolveu o cultivo de neurônios corticais em presença de diferentes classes de drogas psicodélicas. Em seguida, a variação anatômica e estrutural dos neurônios foi medida utilizando a Análise de Sholl, uma abordagem que permite avaliar quantitativa e qualitativamente as características neuronais. Durante o teste, observou-se um aumento na complexidade da árvore dendrítica em resposta a várias substâncias psicodélicas, com resultados semelhantes aos da quetamina.

Praticamente todos os psicodélicos testados demonstraram, como esperado, a capacidade de induzir a neurogênese. Para controle, foi empregado um composto psicoplastogênico conhecido como 7,8-diidroxiflavona (DHF), que apresenta diferenças estruturais em relação aos psicodélicos clássicos. Para assegurar um controle adequado da potência e eficácia na neurogênese, foi utilizada uma escala de dose/resposta de 8 pontos, em combinação com quetamina 10 μ M e um placebo 0,1% DMSO (Polito e Stevenson, 2019).

Nesta pesquisa, o LSD superou as expectativas ao alcançar uma pontuação total de 8, enquanto a ibogaína, um alcaloide antiaditivo, teve o pior desempenho, sendo o único psicodélico que não apresentou efeito. Para investigar a hipótese da neurogênese induzida por psicodélicos, foram utilizadas larvas de *Drosophila* em um modelo in vivo (Polito e Stevenson, 2019). Os resultados indicaram que tanto o LSD quanto o DOI promovem um aumento significativo na ramificação dendrítica dos neurônios sensoriais de classe I, embora não tenha havido crescimento no tamanho total das árvores dendríticas. Isso sugere que, por se tratarem de neurônios imaturos, a administração dessas substâncias pode ter provocado deficiências no neurodesenvolvimento.

Os estudos também revelaram um aumento na espinogênese e na sinaptogênese em ratos. Para isso, foi realizada uma cultura cortical de ratos maduros durante 24 horas, na qual os animais foram tratados com LSD, DOI e DMT. Os três compostos demonstraram um aumento no número de espinhos dendríticos por unidade de comprimento, sendo a microscopia de iluminação estruturada de super-resolução (SIM) o método utilizado para essa análise. O LSD, em particular, destacou-se, quase dobrando a quantidade de espinhos a 10 μ M. Além disso, a aplicação de marcadores pré e pós-sinápticos após o tratamento indicou que os psicodélicos promoveram a sinaptogênese ao aumentar a densidade das sinapses, sem modificar seu tamanho (LY et al., 2018 apud Polito e Stevenson, 2019).

Em um terceiro estudo, foram encontradas evidências que sugerem que a psilocibina induz efeitos antidepressivos e ansiolíticos rápidos e duradouros em humanos (Carhart-Harris et al., 2016). Atualmente, a psilocibina está na fase III de testes clínicos em humanos, mas os mecanismos associados ao seu efeito terapêutico ainda são pouco compreendidos. Nesse contexto, Hibicke e seus colaboradores

exploraram os efeitos da administração de psilocibina, LSD ou quetamina nas alterações comportamentais observadas em um modelo de depressão utilizando ratos da linhagem Wistar Kyoto.

Para conduzir o experimento, foi administrada uma única dose de psilocibina, LSD, quetamina ou solução salina por via intraperitoneal. Após essa administração, os comportamentos indicativos de depressão (como atividade locomotora, teste de nado forçado e labirinto em cruz elevados) foram avaliados ao longo de cinco semanas.

Para o estudo, utilizamos ratos que foram adaptados ao ambiente por um período mínimo de sete dias antes da administração dos medicamentos. Os animais foram mantidos em um ciclo de luz e escuridão de 12 horas, simulando o ritmo sono-vigília, e tiveram acesso irrestrito a água e ração. Os fármacos foram administrados por meio de uma única injeção, utilizando as doses indicadas no quadro 2 (Polito e Stevenson, 2019).

Quadro 2- Drogas e Doses

Fonte: (Hibicke et al., 2020)

Droga	Dose
Psilocibina	1 mg/kg
LSD	0,15 mg/kg
Quetamina	5, 20 ou 100 mg/kg
Solução salina	

Para investigar os efeitos antidepressivos de uma única injeção de LSD, os ratos foram divididos em dois grupos: um grupo recebeu solução salina (grupo controle) e o outro recebeu LSD. Os animais foram submetidos ao Teste de Nado Forçado (FST) no 34º dia após o tratamento com LSD, um método utilizado para avaliar os efeitos antidepressivos de medicamentos. No dia seguinte (35º dia), foram realizados novos testes de FST, juntamente com a avaliação da atividade locomotora

(LCA). Além disso, no dia 40, os ratos foram expostos ao teste do Labirinto em Cruz Elevado (LCE), que avalia comportamentos relacionados à ansiedade (Polito e Stevenson, 2019).

No FST, os ratos foram submersos por 15 minutos em tubos com água doce, medindo 114 cm por 30,5 cm, a uma temperatura variando entre 28°C e 30°C. Após esse período, foram removidos e secos. Com uma câmera posicionada na lateral do tubo, foi realizado um mergulho de 5 minutos, durante o qual foram registradas as tentativas de imobilidade (sem tentativas de fuga, mantendo apenas a cabeça fora do líquido), natação (tentativas de escapar por meio de movimentos contra a parede do cilindro), escalada (tentativas ativas de fuga com movimentos voltados para baixo do tubo) ou mergulho (tentativas ativas de fuga com movimentos direcionados para baixo do tubo).

Uma redução na imobilidade, em comparação ao grupo controle (solução salina), sugere um efeito análogo ao de antidepressivos. O aumento do tempo de natação pode indicar um incremento na atividade serotoninérgica, enquanto a maior frequência de escalada pode refletir uma sinalização noradrenérgica intensificada. O tratamento com LSD resultou em diminuição do tempo de imobilidade e em um aumento dos tempos de natação e escalada, comportamentos que são indicativos de um efeito antidepressivo.

O LCA foi realizado antes do FST para evitar conflitos entre os testes. O LCA ocorreu em um campo aberto de 61 x 61 cm², cercado por paredes opacas de 45 cm de altura, permitindo uma exploração livre por 5 minutos. Os resultados foram avaliados com base na distância percorrida, utilizando o software de rastreamento Etho Vision XT 8.5. Não foi observado efeito do LSD sobre a atividade locomotora, o que sugere que os efeitos identificados no FST estão relacionados a uma ação antidepressiva, e não estimulante (Polito e Stevenson, 2019).

Os comportamentos associados à ansiedade foram analisados por meio do teste do labirinto em cruz (LCE). O labirinto consistia em quatro braços de tamanhos iguais, sendo dois sem paredes e dois cercados. Os ratos foram familiarizados com o ambiente do teste durante 15 minutos e, em seguida, colocados no labirinto por 5 minutos, enquanto uma câmera aérea monitorava seus movimentos. Foi avaliado o tempo que os ratos passaram nos braços fechados, abertos e na interseção entre

eles. Um maior tempo gasto nos braços abertos indica um nível reduzido de ansiedade. Fármacos ansiolíticos prolongam a permanência nos braços abertos, enquanto a administração de LSD não alterou o tempo gasto nesses braços, sugerindo a ausência de efeito ansiolítico.

Os dados indicam que o LSD demonstra um efeito antidepressivo duradouro em um modelo animal de depressão, sem causar efeitos ansiolíticos. Em comparação com outras substâncias analisadas no estudo, como a quetamina e a psilocibina, o LSD também apresenta efeitos antidepressivos (avaliados pelo teste FST), mas não ansiolíticos (segundo o teste LCE) (Hibicke et al., 2020).

Pode parecer controverso que essas substâncias, frequentemente chamadas de drogas pesadas, demonstrem um nível de segurança e eficácia superior em comparação a outras lícitas, que muitas vezes não são vistas como drogas, como o álcool e a maioria dos medicamentos psiquiátricos. A relação entre os seres humanos e os agentes naturais, sintéticos e semissintéticos que alteram a consciência é marcada por um antagonismo (Rodrigues, 2016).

Isso pode remeter a temas como dor e prazer, fraqueza e força, heteronomia e autonomia, morte e vida, céu e inferno, amor e ódio. Apesar da existência de inúmeros estudos históricos e hipóteses intrigantes sobre os primórdios do uso de psicodélicos, destaca-se a metade do século XIX, um período marcado por uma intensa autoexperimentação.

3.3 Psicodélicos na Clínica: Indicações, Limitações e o Papel da Terapia Assistida e da Microdosagem

O seguinte termo “Psicoterapia Psicodélica” refere-se à prática de psicoterapia envolvendo o uso de substâncias psicoativas específicas conhecidas como psicodélicos, alucinógenos e enteógenos (Gardner et al, 2019). O uso desse termo enfatiza o papel que essas substâncias têm de proporcionar um contato intenso e a exploração subjetiva da psique, o que é fundamental para a maioria dos métodos de psicoterapia. Essas substâncias devem ser consideradas como auxiliares no sentido de aumentar o insight e favorecer a conexão consigo mesmo num processo contínuo de autoconhecimento (Santos e Medeiros, 2021 apud Watts & Luoma, 2020).

Os transtornos do humor, como depressão, ansiedade e transtorno do estresse pós-traumático, assim como o abuso de álcool e outras substâncias, impõem um peso considerável tanto aos indivíduos e suas famílias quanto ao sistema de saúde, resultando em altos custos para a saúde pública. Nesse contexto, psicodélicos como LSD e psilocibina podem oferecer alternativas promissoras para o tratamento desses transtornos de humor e para a dependência de álcool e outras drogas (Santos e Medeiros, 2021 apud Gardner, Carter, O’Brien & Seear, 2019).

A terapia assistida por psicodélicos é composta por três etapas: preparação, sessão psicodélica e integração. A fase de preparação é fundamental para otimizar os benefícios de um psicodélico, enquanto a experiência e a integração são elementos cruciais para prolongar os efeitos positivos. O modelo psicológico de flexibilidade (PFM) mostra-se promissor na orientação da preparação e integração psicodélica. Nesse contexto, um novo modelo fundamenta-se na aceitação, conexão e incorporação, apresentando seis processos psicológicos de flexibilidade, que foram renomeados e reorganizados em uma trindade de aceitação (desfusão cognitiva, foco no momento presente e disposição) e uma tríada conexão (o eu sendo o contexto, os valores comprometidos e a ação) (Santos e Medeiros, 2021 apud Watts & Luoma, 2020).

A interseção desses seis processos resulta na flexibilidade psicológica, que é a habilidade de se conectar de forma mais profunda com o momento presente como um ser humano consciente. Com base nas circunstâncias, isso inclui a capacidade de adaptar ou manter o comportamento para atender a objetivos significativos. Além

disso, vários estudos mostram que aumentos na flexibilidade psicológica estão associados a melhores resultados clínicos (Santos e Medeiros, 2021 apud Watts & Luoma, 2020).

Esse método também inclui o suporte da psicoterapia, que geralmente envolve uma fase de preparação, seguida pela administração de uma dose moderada a alta de substâncias psicodélicas na presença de um ou mais terapeutas, e, em seguida, uma ou mais sessões de integração (Santos e Medeiros, 2021 apud Luoma, 2019). A terapia psicodélica possibilita um caminho para a consciência incorporada, proporcionando alívio e aprendizado aos pacientes. Além disso, os psicodélicos possibilitam que mais pacientes vivenciem transformações psicológicas profundas do que por meio apenas da terapia verbal, tornando-se uma excelente terapia complementar (Santos e Medeiros, 2021 apud Watts & Luoma, 2020).

Esse modelo que já se faz presente em vários tratamentos e intervenções, é especialmente nesses casos, uma vez que a complexidade e variabilidade que ocorrem na terapia psicodélica requerem diferentes concepções e abordagens disciplinares, que terão de ser integradas e adaptadas para cada paciente, de preferência tendo início sem a administração da substância.

Deve ter um período prévio de pelo menos duas ou três sessões nas quais será estabelecida uma relação terapêutica, garantindo que se faça presente a confiança mútua. O paciente também será preparado para a sessão farmacológica, informando-o sobre os efeitos do medicamento e as características da experiência, proporcionando-lhe estratégias de enfrentamento, estabelecendo objetivos terapêuticos, pactuando as condições em conjunto ou tirando suas dúvidas (Hartogsohn, 2018).

Tal processo pode ser muito intenso causando agitação, ansiedade, algum tipo de bloqueio, surgimento de sensações físicas e traumas psicológicos. Nestes casos, o conhecimento perito por parte dos terapeutas de técnicas como visualizações ou controle de variáveis ambientais será de grande importância, juntamente com as possibilidades terapêuticas que emergem por meio do trabalho que o terapeuta pode realizar com o seu próprio corpo na consciência corporal do paciente (Ona et al, 2018).

Um ponto adicional que merece destaque é que essas substâncias não têm potencial para abuso e, portanto, não representam risco de dependência química, conforme evidenciado em estudos com modelos animais e em pesquisas com humanos. Na verdade, diversos estudos demonstraram resultados positivos no uso dessas substâncias como apoio no tratamento de vícios, incluindo o alcoolismo e outras drogas (Carhart-Harris, 2016; Suravi, 2016; Muttoni et al., 2019 apud Vanin, 2020).

3.4 Os desafios éticos e legais dos psicodélicos na terapia

A incapacidade dos Estados em controlar completamente o uso de drogas, aliada às pressões morais e religiosas, contribuiu para a consolidação dos discursos científicos a respeito dessas substâncias. Isso fundamentou as políticas estatais na transição do século XIX para o XX, durante a qual a classe médica buscou estabelecer um monopólio sobre as narrativas relacionadas às drogas (Saad, 2011 apud Dias, 2019).

Com a manifestação e a implementação da “guerra contra as drogas”, os psicodélicos clássicos, assim como outras substâncias, foram incluídos na Lista I da Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas de 1971 da Organização das Nações Unidas. As substâncias listadas nesta categoria são desacreditadas quanto a qualquer potencial uso médico, pois são consideradas como tendo risco de abuso e não apresentando segurança e eficácia comprovadas para aplicações terapêuticas (Carhart-Harris e Goodwin, 2017; Calderon et al., 2018 apud Vanin, 2020).

Essa classificação tem dificultado a investigação dessas substâncias, bem como a compreensão de seus mecanismos de ação, efeitos e possíveis aplicações clínicas, mas não as inviabiliza. Nos últimos anos, pesquisadores de diversos países, como Reino Unido, Canadá e, principalmente, Estados Unidos, têm buscado e obtido a aprovação de órgãos reguladores para a condução de estudos clínicos com essas substâncias (Doblin et al., 2019; Calderon et al., 2018; Rucker et al., 2017 apud Vanin, 2020).

De maneira geral, para que um medicamento receba a aprovação dos órgãos reguladores e possa ser comercializado, é necessário que ele seja submetido e aprovado em uma série de testes. Os ensaios clínicos representam a etapa final desse processo e são divididos em quatro fases distintas.

O estudo de fase I é conduzido para avaliar a segurança de um tratamento em pequenas populações saudáveis, que não possuem o diagnóstico relacionado à condição em questão, e ocorre de maneira aberta, com os participantes cientes do que estão tomando. O estudo de fase II envolve um grupo um pouco maior de pacientes e busca avaliar tanto a segurança quanto a viabilidade inicial do tratamento, podendo ser realizado de forma cega ou aberta. Com os dados obtidos nessa fase,

são realizados os estudos de fase III, que são aplicados em populações ainda maiores de pacientes, focando na segurança e eficácia, com ênfase na eficácia. É nessa fase que a aprovação para comercialização é concedida, com base em resultados robustos e evidências concretas de que o tratamento é seguro e eficaz (Rucker et al., 2017 apud Vanin, 2020).

Por último, os estudos de fase IV são realizados após a comercialização do medicamento, envolvendo um grande número de pacientes para identificar possíveis eventos adversos raros ou efeitos do tratamento que não foram detectados nos estudos de fase III devido à sua menor escala. O mesmo se aplica ao estudo do uso de psicodélicos para fins terapêuticos, que também deve passar por todas essas fases, com a devida aprovação dos órgãos reguladores locais (Rucker et al., 2017 apud Vanin, 2020).

Continuando a linha de raciocínio do autor, devido à classificação restritiva e à regulamentação, é imprescindível apresentar uma extensa documentação para obter a aprovação dos órgãos reguladores locais, permitindo assim a realização do estudo. É necessário obter uma licença para manusear e administrar substâncias da Lista I, além de demonstrar que se possui a infraestrutura adequada e protocolos de segurança satisfatórios, que garantam a integridade dos procedimentos e a conformidade com as legislações locais.

No Brasil, de acordo como Decreto nº 79,388 publicado em 14 de março de 1977, são necessárias medidas rigorosas para restringir o uso de substâncias psicodélicas. Pois o uso é proibido exceto para fins médicos e científicos, porém os estudos devem ser realizados por uma pessoa devidamente autorizada, em local médico ou científico que esteja diretamente sob o controle do governo ou que tenha sido aprovado pelo mesmo. Mesmo que exista essa possibilidade não fica muito definido o que pode ou não ser estudado e quais são os meios para se conseguir uma licença (Brasil, 1977).

Perante a Portaria nº 344 de 12 de maio de 1998, a concessão de Autorização Especial para fins de pesquisa será destinada a cada projeto, devendo ser solicitada pelo dirigente ao órgão competente do Ministério da Saúde (Brasil, 1998). Na petição deve constar documentos que comprovem a identidade dos pesquisadores e de quem controlará o estoque da substância, cópia do plano integral do curso ou pesquisa

científica, relação das substâncias utilizadas com indicação da quantidade que será utilizada.

Perante do que foi dito no parágrafo anterior, as Autorizações Especiais só são válidas para pesquisas que são aprovadas pelo órgão competente do ministério da saúde, considerando que em uma mesma instituição existem mais de um pesquisador com linhas de pesquisa semelhantes ou pesquisadores com mais de um projeto sobre o mesmo tema, seria muito menos burocrático ceder a Autorização Especial para a Instituição.

Não existe nenhuma brecha na lei permitindo a doação ou a compra de drogas para fins científicos, fazendo-se necessário autorização judicial, o plantio ou a compra do composto. Considerando esses meios regulatórios, onde é necessário a autorização, espaço para plantio ou o budget extra do estudo (no caso da compra), isso é um outro fator que limita a produção científica (Brasil, 1998).

Apesar das questões burocráticas, notícias como esta sinalizam um futuro promissor, trazendo esperança aos pesquisadores sobre a aceitação da importância dos potenciais terapêuticos, a aprovação para a comercialização e a possibilidade de reclassificação das substâncias estudadas, o que poderia facilitar todo o processo (Doblin et al., 2019; Calderon et al., 2018; Rucker et al., 2017 apud Vanin, 2020).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é uma revisão bibliográfica cujo objetivo é analisar e sintetizar o conhecimento atual sobre o retorno das pesquisas psicodélicas e o seu potencial terapêutico na psicoterapia. A primeira etapa consistiu na definição do tema central da pesquisa e dos objetivos específicos, o tema foi escolhido com base em sua relevância para a área de conhecimento da psicologia, e os objetivos foram formulados para abordar como as substâncias psicodélicas podem ser grandes aliadas nessa área.

Segundo Gil (2002) esse tipo de pesquisa consiste na análise do material já publicado de livros e artigos científicos, propondo a investigação de um problema sob a perspectiva de diversas posições e permitindo assim uma visão mais ampla do assunto. Podemos observar isso no seu trecho a seguir.

As pesquisas desse tipo têm como principal objetivo descrever as características de uma população ou fenômeno e estabelecer relações entre diferentes variáveis. Há uma variedade de estudos que se enquadram nessa categoria, sendo uma de suas características mais marcantes a utilização de diversas técnicas de coleta de dados (Gil, 2008, p. 28).

Para garantir a relevância e a qualidade das fontes analisadas, foram estabelecidos critérios de inclusão como artigos revisados e publicados em períodos reconhecidos, estudos realizados pelo menos nos últimos sete anos, garantindo a atualidade das informações, e trabalhos que abordem diretamente aspectos específicos sobre o tema.

A busca por essas fontes foi realizada em bases de dados acadêmicas reconhecidas, como Google Scholar, Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Revista UNI-RN. Foram utilizadas palavras-chaves relacionadas ao tema, como “psicodélicos”, “psicoterapia assistida por psicodélicos”, “fins terapêuticos” e “psicologia”, a busca também incluiu referências de artigos relevantes para identificar outras fontes pertinentes.

Após a seleção das fontes foi realizado um levantamento das informações e os artigos foram lidos e analisados com base em sua relevância para os objetivos da pesquisa, qualidade metodológica, rigor científico, e contribuições para a compreensão do tema. A síntese das informações foi realizada por meio da

elaboração de uma análise crítica e comparativa dos estudos revisados, e foram identificadas tendências, padrões e divergências nas conclusões dos estudos, focando em aspectos como evolução do conhecimento sobre o tema, metodologia utilizadas nos estudos e implicações práticas.

Com base na síntese dos dados, foi estruturado o trabalho de revisão bibliográfica, incluindo uma introdução ao tema, revisão crítica da literatura, discussão dos principais achados, e sugestões de pesquisas futuras, sendo revisado e ajustado para garantir, precisão, coesão e clareza.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo informar sobre a linha histórica dos psicodélicos, como eles surgiram, em quais contextos eram usados, e como e porque foram proibidos levando a pouco mais de duas décadas de estagnação das pesquisas que começaram a explorar seus potenciais, e também contextualizar sobre esse ressurgimento das pesquisas e todas as questões que elas implicam, desmistificando a visão negativa sobre esse assunto. No trabalho é possível notar que é mencionado vários psicodélicos mas devido ser um assunto totalmente instigante, complexo e abrangente onde vários estudos foram feitos com cada uma dessas substâncias, foi necessário a apresentação de pelo menos um estudo com o enfoque em um psicodélico específico que no caso foi o LSD.

O uso dos psicodélicos na psicoterapia representa uma abordagem inovadora e promissora no tratamento de diversas condições mentais tanto na área da psicologia, psiquiatria e também farmacologia, nas quais muitas pessoas não obtiveram uma melhora/resultados no sofrimento psíquico através dos tratamentos convencionais utilizados hoje em dia. As pesquisas feitas nos últimos anos apontam que essas substâncias citadas podem facilitar experiências terapêuticas profundas, gerando insights emocionais e estimulando processos de cura, sendo mais um dos pontos que deveria incentivar a continuação e o desenvolvimento das pesquisas no Brasil, levando a necessidade de uma regulamentação mais atualizada e menos preconceituosa.

Mas vale salientar que o tratamento com psicodélicos deve ser feito por profissionais preparados e capacitados, em um ambiente totalmente controlado, adequado e acolhedor para que aquele paciente tenha uma maior redução de danos possíveis, levando em conta o seu bem estar e a melhora do seu quadro. Seu potencial para transformar a abordagem mental é significativo, à medida que as pesquisas avançarem será crucial continuar explorando as implicações e os limites da prática, buscando integrar os benefícios psicodélicos na psicoterapia de maneira responsável e eficaz.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Brunna; ELIAS, Henrique, et al. **Efeito terapêutico da ayahwasca no tratamento da depressão**. Revista Educação em Saúde, Goiás, 26ª_Edição.p. 138-146p, 07, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/educacaoemsaude/article/view/7452> Acesso em: 24 ago. 2024.

BROCHETTO, Ivan Rennó e Vecchia, Marcelo Dalla. **Uso de psicodélicos com fins terapêuticos: considerações bioéticas**. Physis: Revista de Saúde Coletiva. v. 34, e34016. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/physis/2024.v34/e34016/#> Acesso em: 26 ago. 2024.

DANIEL, J., & HABERMAN, M. (2018). **Clinical potential of psilocybin as a treatment for mental health conditions**. The mental health clinician, 7 (1), 24-28. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6007659/>. Acesso em: 17 out. 2024.

DIAS, Luiza. **Reflexões sobre as drogas como objetivo de pesquisa histórica**. Temporalidade - Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 29, v. 11, n. 2 (Jan./Abr. 2019). Disponível em: [file:///C:/Users/bp434/Downloads/Reflexões Sobre _as_drogas_como_objeto_de.pdf](file:///C:/Users/bp434/Downloads/Reflexões_Sobre_as_drogas_como_objeto_de.pdf). Acesso em: 15 set. 2024

FRAIFER DANTAS PALHANO, B. **Análise das abordagens psicoterapêuticas assistidas pelo uso de psicodélicos**. Revista UNI-RN, v.22, n. ½, p. 19-29, 2013. Disponível em: <https://revistas.unirn.edu.br/index.php/revistaunirn/article/view/815>. Acesso em: 8 out. 2024.

LEMOS, Guilherme. **Utilização do LSD para tratamento em pessoas com depressão e transtorno de ansiedade generalizada, uma revisão literária**. Rev. Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v.7.n.4. abr. 2021. Acesso em: 7 out. 2024.

POLITO, V; STEVENSON RJ. **Um estudo sistemático de microdosagem de psicodélicos**. 2019. PLoS ONE 14(2). Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0211023&fbclid=Iw>

AR1e9YjnQgMLE3MI2kwS9GgCKojSDUybdBwewJJTBjsh8-fzAMlt03d2m3w. Acesso em: 18 out. 2024.

RODRIGUES, Bruna Gonçalves. **Impactos da legislação brasileira na pesquisa com alucinógenos**. 2020. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/31f9b03c-c66d-44c4-b764-bc0b90aa9be8/3060091.pdf>. Acesso em: 14 out. 2024.

RODRIGUES, S. **Introdução ao uso de psicodélicos em psicoterapia (apostila do minicurso da Associação Psicodélica do Brasil)**. Rio de Janeiro: APB, 2019.

SANTOS, Henrique; MEDEIROS, Cássio. **O renascimento da terapia psicodélica: Uma revisão integrativa da literatura**. Reserva, Society and Development, v. 10, n. 9, 2021.

SOARES, A. B. **O renascimento dos psicodélicos como potenciais agentes psicoterapêuticos: trajetória, avanços recentes e perspectivas**. REV. BRAS. PSICOTER., PORTO ALEGRE, 2021.

TIMMERMANN, Christopher. **Neurociências e aplicações psicoterapêuticas no renascimento da pesquisa com psicodélicos**. Rev. pimenta neuro-psiquiatra. Santiago, v. 52, n. 22, pág. 93-102, jun. 2014. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0717-92272014000200005&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em: 08 set. 2024.

RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE PLÁGIO

DISCENTE: Bruna Pereira Batista

CURSO: Psicologia

DATA DE ANÁLISE: 21.10.2024

RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **4,25%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet [▲](#)

Suspeitas confirmadas: **3,9%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados [▲](#)

Texto analisado: **94,61%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.9.4
segunda-feira, 21 de outubro de 2024

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho da discente BRUNA PEREIRA BATISTA n. de matrícula **43992**, do curso de Psicologia, foi aprovado na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 4,25%. Devendo a aluna realizar as correções necessárias.

Assinado digitalmente por: ISABELLE DA SILVA SOUZA
Razão: Responsável pelo documento
Localização: UNIFAEMA - Ariqueme/RO
O tempo: 21-10-2024 22:28:26

ISABELLE DA SILVA SOUZA
Bibliotecária CRB 1148/11
Biblioteca Central Júlio Bordignon
Centro Universitário Faema – UNIFAEMA